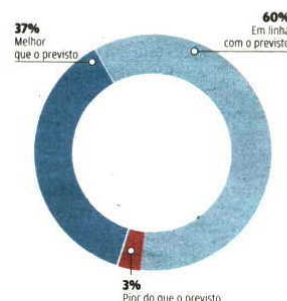


Primeira Linha**2013****Líderes antecipam
ano pior do que
o esperado**

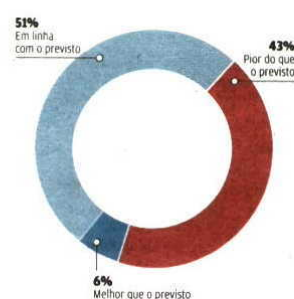
O desemprego e a instabilidade social são as maiores preocupações para 2013, ano que vai ser pior do que o previsto em Portugal. Perspectivas de 65 líderes que responderam ao inquérito do Negócios, já no seu quarto ano. Sobre o que fazer as opiniões dividem-se entre cumprir o plano da troika ou reestruturar a dívida. Gestores ou empresários esperam exportar mais.

ALEXANDRA MACHADO, CELSO FILIPE E HELENA GARRIDO *

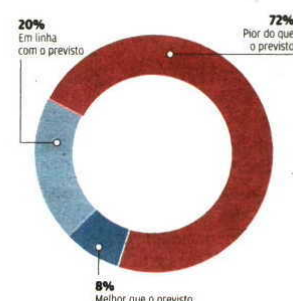

**EUA VÃO CRESCER
EM LINHA COM O PREVISTO**
MAIORIA ANTECIPA MELHOR DESEMPENHO


Unidade: % | Fonte: Inquérito 2013, Negócios

O desempenho da economia norte-americana é a que merece perspectivas mais confiantes. Dos 65 empresários, gestores e economistas que responderam ao Inquérito Negócios 2013, uma maioria de 60% disse que vai ter um crescimento superior ao previsto que é de 2,3%, de acordo com a Comissão Europeia.

**ZONA EURO SEM UMA
PERSPECTIVA CLARA**
PIOR OU EM LINHA COM O PREVISTO


A Comissão Europeia aponta para um crescimento de 0,1% na Zona Euro e de 0,4% na União Europeia. No Inquérito do Negócios, as opiniões dividem-se entre em linha com o previsto e pior do que o perspectivado: 51% acreditam que vai cumprir-se a previsão, 43% afirma que será pior.

**PORTUGAL COM PREVISÕES
MAIS NEGATIVAS**
MAIORIA ESTÁ PESSIMISTA


As previsões menos animadoras dizem respeito a Portugal. A maioria dos inquiridos, ou seja, 72% dos 65 que responderam às questões dizem que a economia portuguesa vai ter um desempenho pior do que o previsto. Para Portugal, a Comissão Europeia e a troika aponta para uma queda do PIB de 1%.





Desemprego é o maior risco que Portugal enfrenta

No mundo a instabilidade financeira ainda preocupa. As perspectivas para a Zona Euro são animadoras

Instabilidade financeira, instabilidade social e desemprego são os riscos de 2013 que foram mais identificados pelos 65 líderes que responderam ao Inquérito do Negócios. No mundo é a instabilidade financeira a maior preocupação. Mas é logo seguida pelo desemprego e pela instabilidade social. Em Portugal, é no desemprego e na instabilidade social que estão focadas as apreensões com o

novo ano. A falta de financiamento e a queda do Governo foram apenas alvo de oito escolhas num conjunto de 88 respostas, já que existia a possibilidade de escolha múltipla. É na frente europeia que as respostas apontam para perspectivas mais animadoras. A maioria considera que a União Monetária se vai manter com mais integração orçamental e bancária. *Com redacção do Negócios

MAIOR RISCO PARA PORTUGAL É O DESEMPREGO

INSTABILIDADE SOCIAL É A SEGUNDA MAIOR PREOCUPAÇÃO

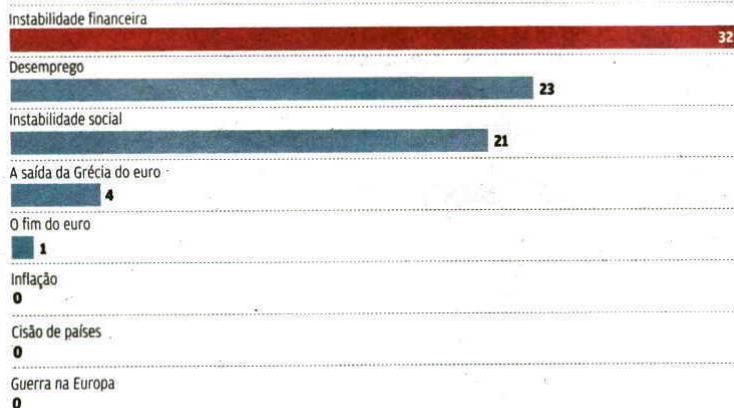


Unidade: número de respostas | Fonte: Inquérito 2013, Negócios

Com alguns dos inquiridos a optarem por escolhas múltiplas, o risco que mereceu mais respostas foi o desemprego e a instabilidade social. A falta de financiamento e a queda do Governo, com o mesmo número de escolhas, estão a grande distância.

Mundo ainda enfrenta perigo de instabilidade financeira

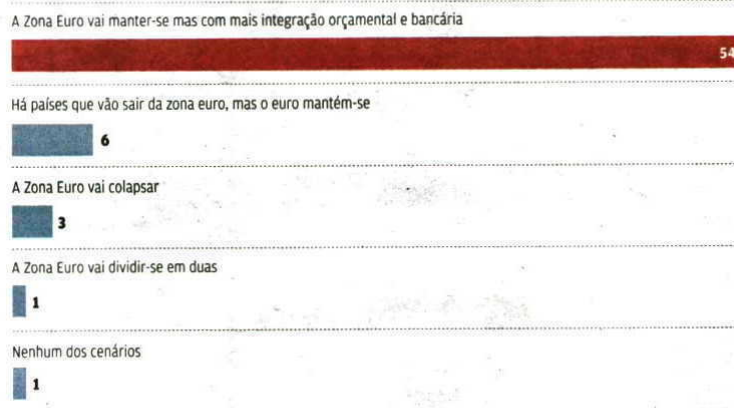
A instabilidade financeira, o desemprego e a instabilidade social são os três problemas considerados como mais prováveis em 2013, de acordo com as respostas de 65 empresários, gestores e economistas que responderam ao inquérito do Negócios. O fim do euro tem, à luz destes resultados, uma baixa probabilidade de ocorrer.



Unidade: Número de respostas | Fonte: Inquérito 2013, Negócios

Zona Euro tem um futuro de maior integração

Sobre o futuro da Zona Euro, a alternativa mais escolhida revela que a maioria dos inquiridos não antecipa uma situação de ruptura na Zona Euro. A expectativa é de maior integração orçamental e bancária, mantendo-se a União Monetária com os actuais membros. A segunda opção está a grande distância da primeira mais escolhida.



Unidade: Número de respostas | Fonte: Inquérito 2013, Negócios



Perspectivas para 2013

Miguel Baltazar

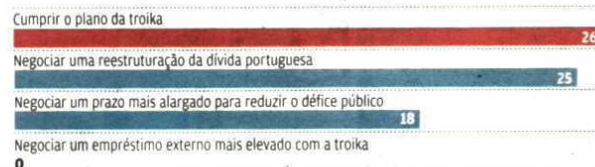
Líderes divididos entre cumprir acordo com a troika ou reestruturar dívida

Qual deve ser a prioridade do Governo no programa com a troika? As opiniões dividem-se

O Governo deve, em primeiro lugar, cumprir o acordo com a troika. Mas se esta é a prioridade mais referida, não está, no entanto, longe da segunda resposta mais votada. E esta aconselha o Governo a negociar uma reestruturação da dívida portuguesa. Apenas uma resposta separa as duas hipóteses, uma divisão que tem sido,

aliás, patente na sociedade portuguesa. São 18 as respostas, num total de 69, que sugerem ao Governo, como prioridade, a negociação de um prazo mais alargado para reduzir o défice público. Mas ninguém parece querer que Portugal aumente o valor do empréstimo junto da troika.

CUMPRIR O PLANO DA TROIKA E NEGOCIAR A REESTRUTURAÇÃO DA DÍVIDA SÃO AS SUGESTÕES DOS LÍDERES



Unidade: Número de respostas. Nota: Houve inquiridos que fizeram escolha múltipla, por isso, apesar de serem 65 inquiridos, houve a esta pergunta um total de 69 respostas.

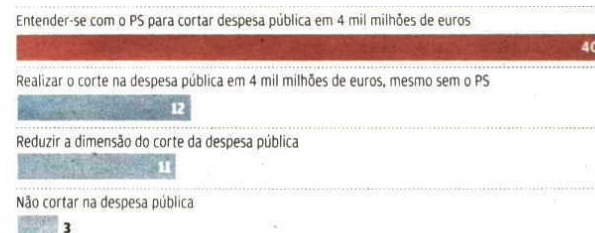
Não há quem defenda que Portugal deva pedir um empréstimo à troika mais elevado. E cumprir o plano acordado com FMI, Comissão Europeia e BCE deve ser a prioridade do Governo relativamente à troika.

Despesa pública tem de ser cortada. É melhor que seja em acordo com o PS

O Governo tem de apresentar à troika, em Fevereiro, um plano de cortes na despesa pública de quatro mil milhões de euros. Os líderes portugueses, inquiridos pelo Negócios, esperam que haja acordo com o Partido Socialista para se decidir onde cortar. Essa é a opinião da maioria (40 em 66 respostas). Há,

no entanto, quem defenda que os cortes devem prosseguir mesmo sem acordo com o PS. E há mesmo quem aponte um outro caminho: três respostas, em 66, para sugerir que não haja qualquer corte na despesa pública. Um número que acaba, por isso, por dar pouca expressão à ideia.

CORTAR EM ACORDO COM O PS DEVE SER A PRIORIDADE DO GOVERNO NO LADO DA DESPESA PÚBLICA



Unidade: Número de respostas. Um dos inquiridos deu resposta múltipla, por isso, o total é superior aos 65 líderes que responderam.

O Governo deve entender-se com o Partido Socialista para chegar ao corte de quatro mil milhões de euros na despesa pública que tem de apresentar à troika no exame de Fevereiro.

Abebe Selassie, o chefe de missão do FMI para o programa português, vai avaliar o plano de cortes da despesa.

Objectivo 2013: vender mais lá fora e não reduzir empregos nem salários

Nenhum dos empresários e gestores que respondeu ao inquérito assume ter a intenção de em 2013 reduzir o pessoal, reduzir os salários ou aumentar as horas de trabalho. No entanto, há quem fale em flexibilizar o horário de trabalho



Miguel Baltazar

Portos | É por mar que saem grande parte das exportações portuguesas. O Governo quer um País exportador. As empresas querem vender mais lá fora.

Exportar mais é a principal prioridade para 2013

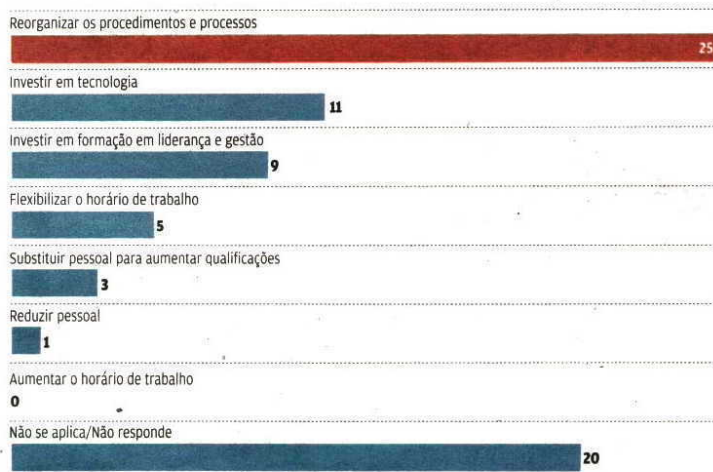
O discurso de que o País precisa de aumentar as exportações para que possa voltar ao crescimento está a ter eco nas empresas. Na lista de prioridades dos empresários para 2013, exportar mais aparece no topo, a uma distância considerável da redução de custos. Já no ano passado, exportar mais foi a prioridade mais indicada.



Unidade: Número de respostas. Houve inquiridos que assinalaram mais do que uma prioridade | Fonte: Inquérito Negócios 2013 a 65 líderes

Aumento da produtividade à custa de reorganizações

A produtividade aumentará com a reorganização dos processos e procedimentos. Essa é a opinião dos inquiridos sobre as medidas importantes para aumentar a produtividade nas empresas. E, à semelhança de anos anteriores, ninguém pretende aumentá-la com o aumento do horário de trabalho e apenas num caso se fala da redução de pessoal.



Unidade: Número de respostas. Houve inquiridos que assinalaram mais do que uma prioridade | Fonte: Inquérito Negócios 2013 a 65 líderes

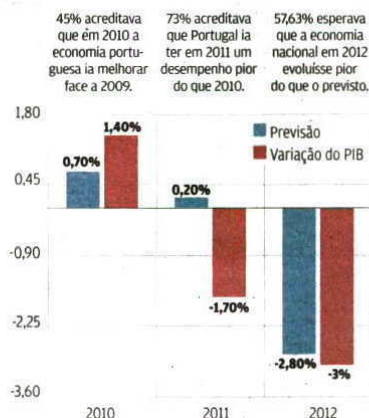


Previsões acertadas sobre o comportamento da economia

Líderes são mais pessimistas nas projecções para a evolução da economia portuguesa do que para a Zona Euro e Estados Unidos

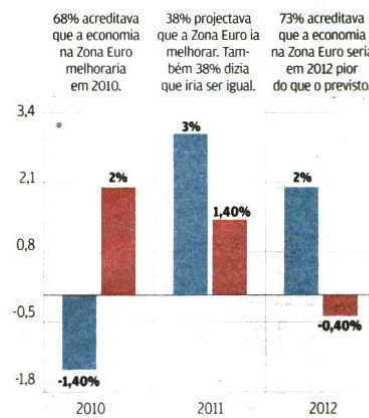
O Negócios realiza há quatro anos o inquérito a líderes portugueses para avaliar as suas perspectivas para o ano seguinte. Só no primeiro inquérito, realizado sobre as perspectivas de 2010, é que os líderes acreditavam numa melhoria da economia nacional. A partir dessa altura, as projecções foram de queda e nos últimos dois anos apontavam para evoluções piores do que as previstas. E acertaram. No conjunto dos quatro inquéritos percebe-se que o pessimismo para a economia portuguesa é maior do que as previsões para a Zona Euro. Só no inquérito relativo a 2012 é que os líderes acreditavam que a Zona Euro iria ter um comportamento pior do que o previsto. Nos outros anos apontavam para melhoria. Essa foi também a projecção nos vários anos para a evolução norte-americana.

LÍDERES ACERTARAM NA EVOLUÇÃO DA ECONOMIA PORTUGUESA



Os líderes que responderam aos inquéritos anteriores acertaram na evolução da economia nacional: em 2010 aumentou; em 2011 caiu e 2012 foi, efectivamente, pior que o previsto.

ZONA EURO TEVE UM COMPORTAMENTO DIFERENTE DO ESTIMADO PELOS LÍDERES



Sobre a evolução da Zona Euro as previsões não foram tão certas. Em 2011 o PIB desta região cresceu menos do que em 2010. No entanto, acertaram em cheio na evolução de 2012.

EVOLUÇÃO DA ECONOMIA NORTE-AMERICANA DIFÍCIL DE PREVER



A economia norte-americana tem merecido projecções mais optimistas por parte dos inquiridos. Nos dois primeiros anos, acreditava-se na melhoria desta economia.



Perspectivas para 2013



JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA

Advogado e sócio gerente da Vieira de Almeida & Associados

O optimista vê o "donut" e o pessimista vê o buraco (Oscar Wilde). Em "legais", 2013 será mais um ano de "standstill" – gestão corrente e controlada, com o credor a monitorizar de Berlim – procurando evitar a insolvência e pagar as contingências acumuladas por força do enriquecimento sem causa em exercícios passados (nalguns casos por má gestão, é certo, mas com a conviência de muitos clientes, fornecedores e "stakeholders"), pelo que continuaremos a aguardar o regresso de melhor fortuna. É muito difícil ver o "donut" em 2013. Mas é essencial continuar a lutar até porque, como dizia Churchill, há que ser optimista já que não tem utilidade ser qualquer outra coisa.



No plano da economia: as exportações continuarão a crescer, embora em desaceleração; a contracção do consumo interno acentuar-se-á quer por queda real quer por crescimento da economia informal; poderá haver crescimento do aforro embora não demonstrável (mais dinheiro debaixo do colchão e menos no banco). No plano político-social será com certeza um ano crítico. Se os dados de comportamento da economia – PIB, défice e desemprego – já em Dezembro, mas sobretudo do 1º trimestre de 2013, não demonstrarem que os sacrifícios valem a pena teremos instabilidade política e/ou social. Será imperativo que as grandes metas sejam atingidas sob pena de o País deixar de acreditar.

JORGE MONTEIRO
Presidente da ViniPortugal



RICARDO MIEIRO
Presidente do Grupo Ascendum

O ano de 2013 será cheio de desafios tanto em Portugal como na Europa e nos Estados Unidos. A prioridade interna deverá passar por não deixar que o desemprego aumente ainda mais para níveis que ponham em causa a paz social. Ao mesmo tempo, as empresas deverão ser capazes de ser flexíveis face ao mercado e perante o contexto económico. Empenho, optimismo e pragmatismo são as características que deveremos todos adoptar para os tempos que se adivinham.



JOÃO MIRANDA
Presidente da Frulact

Perspectivo um 2013 com fortes convulsões sociais na Europa, juntando Itália e França à Espanha, Grécia e Portugal. A Europa não vai crescer, provocando como consequência um forte aumento nas taxas de desemprego, que já são muito elevadas, com o consequente acentuar dos desequilíbrios sociais. Por paradoxo que possa parecer, as empresas portuguesas, sendo na sua maioria de dimensão equiparada à dimensão do mercado doméstico, com a reconhecida qualidade, atitude, disponibilidade e aptidão dos seus recursos humanos, estão melhor preparadas para se adaptarem a esta contracção do mercado, pois associam a estas características chave, competência, experiência em internacionalização e flexibilidade, que as colocam melhor posicionadas que as organizações dos maiores países europeus. O horizonte 2013, não sendo o melhor, deve-nos alertar para a necessidade de focalizarmos as nossas prioridades em mercados alternativos à Europa. Vai seguramente continuar a haver uma falta de solidariedade efectiva dos países mais fortes, no suporte aos países em dificuldade, bem como políticas objectivas que estimulem e suportem o crescimento e a criação de emprego, o que coloca definitivamente em causa o projecto modelo Europeu, e nos obriga a procurarmos alternativas consistentes para a sobrevivência do nosso tecido empresarial.



2013

A visão dos líderes

Entre avisos sobre os perigos de uma crescente instabilidade social, motivada pelas medidas de austeridade, os líderes aguardam um ano muito difícil



Em Portugal, além do equilíbrio das contas públicas, a recapitalização e o reforço dos capitais das empresas portuguesas deve ser uma das prioridades para 2013. Esse esforço deve ser realizado no contexto da redefinição urgente do modelo de financiamento da economia portuguesa e em articulação com instituições e políticas públicas de qualidade e conhecedoras do mercado. Neste cenário, de obrigatório reforço da poupança e de diversificação das fontes de financiamento da economia, o mercado de capitais deve, também, assumir um papel de relevo, o que exigirá de todos os actores com responsabilidade nesta matéria uma actuação focada no respectivo desenvolvimento, aperfeiçoamento e revitalização.

ABEL SEQUEIRA FERREIRA

Director-Executivo da AEM - Associação de Empresas Emittentes de Valores Cotados em Mercado



2013 pode ser o ano de todos os perigos: perigo de colapso social em Portugal; perigo de desagregação da Europa, por mor do Reino Unido; perigo de guerras regionais no Médio Oriente ou no Mar da China. Mas 2013 pode também ser um ano de grandes oportunidades: Portugal poderá bater no fundo e começar a estabilizar; os social-democratas alemães poderão chegar ao poder e neutralizar o pensamento único germânico; Os EUA poderão iniciar um período de renascimento económico e político a partir de uma nova realidade energética que tenderá para a auto-suficiência.

AGOSTINHO PEREIRA DE MIRANDA
Advogado e sócio fundador da sociedade de advogados Miranda, Correia, Amendoeira



Para o mundo vejo que será mais um ano de “empurrar para a frente com a barriga” através de injecções monetárias. Para Portugal depende largamente do financiamento que a economia real conseguir obter. Será, em princípio, pior que as perspectivas do Governo, mas haverá estabilização da queda da economia.

FILIPE GARCIA
Presidente no IMF - Informação de Mercados Financeiros

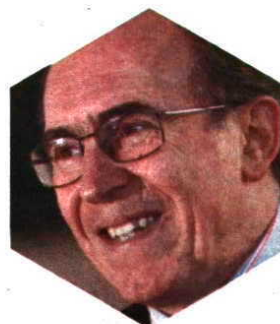
O ano de 2013 perspectiva-se como um ano mau, deprimente e sem esperança, em que tudo o que é mau (desemprego, conflitualidade, desesperança, depressão) tenderá a aumentar e tudo o que seria positivo (emprego, desenvolvimento, crescimento e esperança) tenderão a diminuir. Mas gostava que esta perspectiva maioritária e previsível, não fosse, afinal, confirmada. Os povos e os seus políticos devem ser serenos, mas não conformados. Devem fugir do que toda a gente diz, ser inevitável e voltarem a fazer o lógico e o necessário, para sairmos, como povo, País, continente, deste marasmo.

ROGÉRIO ALVES
Advogado e ex-Bastónario da Ordem dos Advogados

2013 será instável em termos mundiais com um eventual reforço do papel da China. A Europa continuará a enfraquecer, a não ser que rapidamente crie mecanismos de maior coesão interna, ao nível político e mesmo orçamental. Portugal apenas poderá respirar se conseguir criar condições de credibilidade para reestruturar a sua dívida e conseguir ter a força suficiente para apresentar medidas alternativas àquelas que supostamente a troika lhe impõe.

ANÍBAL CAMPOS

Presidente da direcção da Associação das Indústrias de Metalurgia e Metalomecânica (AIMMAP)



Antecipa-se um ano de 2013 muito difícil para Portugal. É urgente tomar acções concretas para desenvolvimento da economia de maneira a diminuir o desemprego e a criar receitas essenciais para o crescimento económico e para o bem estar dos cidadãos.

MARQUES DOS SANTOS
Reitor da Universidade do Porto

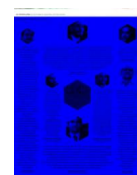


O próximo ano vai ser um ano de recessão e aumento do desemprego na Zona Euro e de recuperação e diminuição do desemprego nos EUA. Esta é uma recessão que podia ser evitada, se houvesse coordenação das políticas macro-económicas na Zona Euro que permitisse que, enquanto países como Portugal, a Grécia ou a Espanha continuassem com o necessário processo de consolidação orçamental, outros países com mais folga orçamental e de financiamento assumissem uma política moderadamente expansionista. Esta coordenação das políticas orçamentais, em particular se acompanhada por um acelerar das reformas na supervisão do sistema financeiro e por mecanismos de apoio à retoma do investimento privado, financiados pelo orçamento comunitário, permitiria aos países em dificuldades ter melhores hipóteses de sucesso nos seus processos de consolidação. Tal seria um factor importante para acelerar a retoma da confiança no Euro, que, em última medida, beneficiaria todos os países da Zona Euro. A actual política europeia acentua os riscos de os processos de consolidação não resultarem, e de os sacrifícios por estes exigidos criarem problemas de instabilidade social, de desagregação nacional ou mesmo de ruptura ao nível da União Europeia, situações que podem gerar soluções políticas com custos muito acentuados para todos os países europeus. Em Portugal, a escolha de instrumentos de consolidação particularmente recessivos, tanto em 2012 como para 2013, torna inevitável um cenário de continuação do aumento do desemprego e de uma forte queda da procura interna. Esta realidade, em conjunto com o abrandamento do crescimento das exportações, deve resultar na continuação de uma situação de queda acentuada do PIB, que pode comprometer as próprias metas orçamentais. No contexto de uma política europeia errada, a Portugal resta pouca margem de manobra. No entanto, mesmo na que resta, tem sido a escolha errada focada pela política escolhida pelos países da Zona Euro.

MANUEL CALDEIRA CABRAL
Economista e professor na Universidade do Minho

Vai ser um ano extremamente difícil que, no actual contexto de austeridade e concorrência ilegal do jogo ‘online’, pode pôr em causa a sobrevivência dos casinos nacionais. Mas se o Governo conseguir resistir, for pedagógico na explicação das medidas a adoptar e a instabilidade social não explodir, penso que, em 2014, iniciaremos um período de recuperação – embora modesto – e uma ligeira redução nos índices de desemprego.

MÁRIO ASSIS FERREIRA
Presidente do Estoril Sol



ID: 45451060

02-01-2013

Perspectivas para 2013



Em Portugal continuaremos a sentir o impacto das medidas de austeridade, prolongando-se a contracção da procura interna, e, vamos acreditar, o crescimento das exportações. Assim sendo, é expectável que possamos atingir, já em 2013, o tão procurado equilíbrio das nossas contas externas, o que a acontecer será um marco fundamental para a sustentabilidade da nossa economia. Da Europa, vêm-nos sinais contraditórios. Do ponto de vista económico, as notícias não são boas, caminhando-se para a estagnação económica. Na perspectiva política vemos alguns progressos, como a capacidade demonstrada para a estabilização da crise das dívidas soberanas na Zona Euro e o início da discussão sobre a "mutualização" das responsabilidades sociais dos países (evidente, por exemplo, nos mecanismos Europeus de combate ao desemprego). Dos EUA a maior incerteza resulta do pacote de austeridade que o congresso Americano vai propor para tornar o nível de dívida americana sustentável.

LUÍS SALVADO
Presidente da Novabase



Um ano cheio de riscos e que será muito marcado por opções e pela actividade política. Elejo três, todos eles no chamado Mundo Ocidental, e que em muito condicionarão a economia global: a resolução do "fiscal cliff" nos EUA (o que, para já, parece longínquo e é perturbador pelas consequências - internas e globais - que pode provocar); as eleições em Itália em Fevereiro (oxalá Mario Monti possa continuar primeiro-ministro...); as eleições na Alemanha, das quais preferiria que saísse uma "grande coligação" entre CDU e SPD. Para Portugal, a melhor (única...) alternativa continua a ser cumprir o PAEF [Programa de Assistência Económica e Financeira] como até aqui, continuar a tentar recuperar credibilidade e... esperar que a orientação da política económica europeia possa, de alguma forma, mudar no futuro. O que, do meu ponto de vista, seria bom para todos. Para nós, porque a inevitável austeridade seria suavizada; para a Europa, porque se evitaria uma "segunda Grécia". E se "uma" Grécia é um caso isolado (uma excepção), "duas" - seja lá quem for a segunda... - seria uma multidão. Que poderia começar a fazer perigar todo o projecto do euro.

MIGUEL FRASQUILHO
Economista e deputado pelo PSD



2013 será ainda mais exigente e obrigará a um esforço acrescido do Estado, empresas e portugueses em geral. O cumprimento do memorando com a troika é importante, mas o Governo deve ser mais activo e lutar para que, em certas áreas, exista mais flexibilidade, que permita dinamizar a economia, logo o consumo, de forma a segurar a empregabilidade. Caso se insista na dureza do caminho seguido até agora, sendo exemplo a insistência do aumento do IVA na restauração e golfe, mais empresas irão ver reduzida a sua capacidade de competitividade.

FRANCISCO CALHEIROS
Presidente da Confederação do Turismo Português



O ano de 2013 será mais um ano de crescimento mundial exíguo que caracteriza a década de desalavancagem iniciada em 2007. Continuaremos a assistir a um agravamento do desemprego e da instabilidade social e ao fenómeno de "catch-up" das economias emergentes relativamente às economias desenvolvidas. Em Portugal, o factor decisivo será o acesso aos mercados financeiros em condições que não contribuam para o agravamento do problema, o que passará por sermos abrangidos pela iniciativa criada pelo Banco Central Europeu.

NUNO DE SOUSA PEREIRA
Director da Porto Business School



Um enorme problema não assinalado pode ser o da não resolução e eventual agravamento do défice nos EUA: a entrada da maioria dos países europeus em recessão e a estagnação ou redução significativa do crescimento económico de países como a China e largas economias emergentes como o Brasil e Índia. Preocupa-me a redução de protagonismo e de competitividade da Europa face ao marismo económico em que vive. A Europa ainda não acordou para a nova realidade e ordem económica global e ainda não percebeu que o Estado Social de Direito construído a partir dos anos 30 do Sec. XX não pode subsistir. Em Portugal, 2013 vai ser o ano de todos os perigos ou, pelo menos, de muitos. Há riscos sérios de instabilidade social e de deterioração significativa da actividade económica. É preciso que o Governo tenha coragem e determinação em reduzir custos que estão identificados, particularmente no sector público. O sector privado dificilmente aguenta as actuais medidas e possivelmente não conseguirá aguentar novas e mais gravosas medidas. Precisa de apoio para o relançamento da economia e de meios financeiros em condições razoáveis. Neste momento não existem.

MANUEL SANTOS VÍTOR
Managing Partner da sociedade de advogados P.L.M.J.



A minha maior preocupação para o ano de 2013 é não ter a certeza de que os nossos governantes tenham a capacidade, habilidade e subtilidade para impor os impostos e cortes necessários, mas ao mesmo tempo manter a tão necessária paz social.

MÁRIO FERREIRA
Presidente da Douro Azul



Infelizmente, este ano será uma repetição - em pior - do ano de 2012: a execução orçamental vai correr mal, sobretudo por causa de uma recessão e de uma queda do emprego muito acima do previsto, e o Governo vai, cega e teimosamente, insistir na necessidade de medidas adicionais, o que só vai agravar o problema. Vai ser um ano que tornará ainda mais evidente que estamos a ter 'dor sem ajustamento'. A nível europeu, a recessão vai-se agravar e tornar evidente para quem ainda não tenha percebido que tentar reduzir o défice num contexto fortemente recessivo e com níveis historicamente elevados de desemprego é uma estratégia económica e financeiramente irracional.

JOÃO GALAMBA
Deputado pelo PS

ID: 45451060

02-01-2013

Perspectivas para 2013



O ano de 2013 será, com certeza, um ano difícil, a avaliar pela realidade e pelas perspectivas evidenciadas neste final de 2012. Mas será também um ano de afirmação, em que, na Europa e nos EUA, se tornará claro que é imperioso um reposicionamento, sobretudo da Europa, na Economia Mundial. Passado este período de sincrética turbulência, os países europeus – e os EUA – assumirão que é inevitável enfrentar intrepidamente a realidade, sem subterfúgios nem fantasias, porque esse é o único caminho que conduz ao sucesso. E assim se retomará a confiança que há-de impulsionar o investimento gerador de crescimento e de emprego.

JOÃO COSTA
Presidente da ATP - Associação Têxtil e Vestuário de Portugal

Na Europa iremos continuar a assistir a muitas hesitações, pelo menos até às eleições na Alemanha. Talvez seconcretizem alguns passos tímidos no caminho da integração financeira e económica. Em Portugal vamos continuar a enfrentar grandes dificuldades com o aumento do desemprego e a queda significativa do rendimento disponível das famílias, agravando a situação económica de todas as empresas que trabalham fundamentalmente para o mercado interno. Creio que o Governo vai enfrentar grandes dificuldades no corte das despesas do Estado por falta de entendimento com o PS e, também, pela incapacidade de enfrentar decisivamente a inércia de muitos sectores da administração pública a nível central e autárquico. A não redução do número de municípios é um exemplo claro dessa incapacidade.

ANTÓNIO COMPRIDO
Presidente da APETRO



PEDRO MORAIS LEITÃO
Presidente da Oni



Em 2013, a consolidação orçamental deve continuar a ser a prioridade das políticas económicas de Portugal, mas esse caminho também deve ser compatibilizado com o objetivo da recuperação económica, ou seja, evitar qualquer agravamento da recessão, mesmo que isso signifique um novo ajustamento nas metas nominais do défice. Tal como foi opção no ano de 2012 e na linha do referido pela OCDE, que, no seu último boletim, prevê uma melhoria da atividade económica em Portugal antes do final de 2013, sinaliza também que o Governo deve procurar reduzir os défices estruturais como planeado, mas permitindo que os estabilizadores automáticos atuem, caso o crescimento económico fique abaixo do esperado.

PAULO BATISTA SANTOS
Deputado pelo PSD e vice-presidente da Comissão de Orçamento, Finanças e Administração Pública



As perspectivas para 2013 dependem do comportamento da economia global, mas este depende da capacidade das lideranças internacionais e europeias. Se os líderes perceberem que o problema reside no crescimento "desregulado" desregulado (com a consequente intensificação da fome no mundo e o risco de esgotamento dos recursos naturais) e em especial no poder excessivo do capital financeiro e dos mercados sobre a economia produtiva e os Estados, poderão encontrar consensos para atribuir mais poder de regulação às instâncias internacionais que defendem os direitos humanos e o ambiente. E a Europa terá de dar passos decisivos, e no curto prazo, no sentido de uma revisão profunda do atual programa de disciplina orçamental imposto de cima e abrir caminho a um federalismo democrático na base de um projecto virado para o crescimento, a partir de um "green new deal" centrado no desenvolvimento sustentável, numa democracia mais transparente e numa cidadania mais efectiva.

ELÍSIO ESTANQUE
Investigador do Centro de Estudos Sociais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra



[Vejo 2013] com preocupação porque continuo a verificar que as estratégias de crescimento da nossa economia continuam a não ter em linha de conta as potencialidades dos serviços locais como importante fonte de criação de riqueza e de emprego. De facto, conquistar uma produtividade mais elevada nos serviços locais é uma das formas de a nossa economia poder garantir a existência de emprego duradouro para muitos dos nossos cidadãos. Para Portugal e no âmbito mais global, para a própria Europa, a chave para impulsionar os níveis de crescimento económico e de emprego, passa por revitalizar as indústrias de serviços – que vão desde os cabeleireiros e as lojas, passando por contabilistas e engenheiros até investigadores e profissionais de serviço de saúde e financeiros – que convém realçar tem sido responsável por cerca de 70% do PIB europeu e por parte de todo o aumento líquido do emprego que a Europa registou nos últimos anos. Este facto é tanto mais importante quanto sabemos que, contrariamente ao que muito se apregoa, a indústria transformadora não vai ser, a longo prazo, uma fonte sustentável de criação de novo emprego em lado nenhum – mesmo na China – devido aos rápidos progressos em tecnologia e produtividade, que estão a reduzir as necessidades de mão de obra na indústria. Por último, gostaria ainda de manifestar a minha preocupação pela falta de atenção que a Produtividade do Estado continua a merecer, por parte dos nossos decisores políticos, eliminando a possibilidade de tornar os desafios fiscais futuros mais geríveis e humanos. Ao contrário do que se tenta fazer passar, o aumento da produtividade não se conquista apenas com a redução dos factores de produção mas também com o aumento da qualidade ou quantidade da sua produção.

FRANCISCO BANHA
Presidente da FNABA



2013 Líderes antecipam ano pior que o esperado

● Desemprego é o maior perigo que o país enfrenta. No mundo persiste o risco de instabilidade financeira

● Opiniões dividem-se entre cumprir o plano da troika ou negociar a reestruturação da dívida pública

Primeira Linha 4 a 14

